

Eu tenho um corpo de poeira. Ele se move, expande, pode ser quase invisível e também embaçar o mundo¹

Gilson Andrade²

Resumo: Este artigo ensaístico se constrói a partir da pesquisa escultórica e arquivística que desenvolvo, imbricando materialidades e desmaterialização, por meio de narrativas, ações e a criação de espaços escultóricos. pelo desafio de construir uma poética que produz compreensões e não entrega tudo, de mim só terá uma parte ou pequenos fragmentos.

Palavras-chave: *Corpo. Mudança. Invisível. Poeira.*

I have a body of dust. It moves, it expands, it can be almost invisible and also blur the world

Abstract: This essay is built from the sculptural and archival research that I develop, intertwining materialities and dematerialization, through narratives, actions and the creation of sculptural spaces. In the challenge of building a poetics that produces understanding and does not deliver everything, there will only be a part of me, or small fragments.

Keywords: *Body. Change. Invisible. Dust.*

¹ Artigo produzido a partir da pesquisa de mestrado desenvolvida na linha Arte, imagem, escrita, sob orientação da professora Leila Danziger, no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

² Doutorando em artes no Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Mestre em arte pelo mesmo programa. Graduado em história na Unidade de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Vínculo institucional: Aluno Bolsista CNPq na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Francisco Xavier, 524 – Maracanã, Rio de Janeiro – RJ, 20943-000. E-mail: escritorio.gilsonplano@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5553-9391>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5050497477180494>.



meu corpo não está só neste tempo como estratégia de guerra. ele está dividido pelo tempo. eu só sou porque já foram antes do agora. meus ancestrais não são outros que não parte de mim, e meus descendentes não serão sem uma parte de mim.

todos os tempos estão em um grão de poeira.

meu corpo não se conta por uma história de papel, meu corpo tem uma história de poeira. a poeira já foi forma um dia, mas desistiu de se manter acoplada ao todo e se tornou uma fração do que foi. agora ela se deposita sobre outras superfícies. ela também se mistura facilmente com partículas que já foram parte de outras formas diferentes. agora, se unem por sua nova condição, se movem no balanço do vento e pelo sopro das coisas.

durante anos de minha vida, estive em lugares onde a poeira subia em meu corpo. mesmo tomando banho e me esforçando para retirar toda a poeira, pouco tempo depois meus pés se cobriam de poeira novamente. era como se a poeira fosse atraída por meu corpo. ela estava por toda parte. às vezes, olho pra minha pele e tenho certeza de encontrar ainda um cisco de poeira que caiu em mim no dia 18 de junho de 1992. tem muita poeira no meu corpo, e ela recobre toda a vida. também lembro que a poeira não era bem-vista, era uma marca de quem morava longe, aonde o asfalto, o concreto, a grama, as calçadas ainda não tinham chegado. por isso, a poeira era livre e rodava com o vento por todas as direções, cobrindo meu corpo e meus olhos. isso não significa que meu corpo cresceu na poeira, mas pela poeira.

AÇÃO DE JUSTIÇA – acordar aqueles que não dormem

1. abrir um buraco no chão com uma cavadeira reta /
2. retirar duas porções de terra /
3. soprar a primeira /
4. suspender a segunda.

(ação executada nas Cavalariças do Parque Lage durante a exposição Estopim e Segredo: Corte 2-2020)



Figura 1

Gilson, ação de justiça ou acordar aqueles que não dormem, 2020, ação, 5min Fonte: registro Tadáskia



tenho tentado encontrar outras inteligências formais que me auxiliem a ler os trabalhos e operações que faço, ou seja, ler minha própria vida. os recursos convencionais de pensar meu corpo na história para arte são conduzidos por fundamentos e percepções estéticas que estão aparelhados a lógicas que não podem ou não se educaram para uma proposição de história como poeira. a poeira, elemento tão íntimo do que é antigo. mas se tudo está fadado a virar pó, não seria a poeira também futuro? na real

eu não quero reafirmar novamente o lugar das coisas no tempo, como se o tempo fosse uma linha, eu quero pensar o tempo histórico como poeira, que se movimenta por uma infinidade de vetores de impulso.

tem dias que não venta nada
em outros algo me impulsiona
para alguma direção em que já estive
em outros aparecem lugares muito novos
tem momentos que tudo, absolutamente tudo
se move.

Você pode me marcar na história
Com suas mentiras amargas e distorcidas
Você pode me esmagar na própria terra
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar (MAYA, 2020, p. 175).

Figura 2
Gilson, plano de suspensão, 2018,
fotografia impressa
sobre papel e desenho
em carbono vermelho,
21 x 27cm, foto do
autor





eu gosto da imagem da poeira, pois ela é um sinal e está ali sempre aço-
plada àquilo que percebemos como sendo. por mais que ela possa ser o
futuro de tudo, muito pouco é atribuído a essa sua potência. e não quero
confundir aqui a poeira com a ideia de “terra”, pois esta é fatalmente or-
denada pela gravidade, enquanto as partículas da poeira são tão pequenas
e leves, que se mantêm em suspensão. elas encontram seu lugar em uma
posição de movimento e trânsito ordenado pela energia aplicada ao meio
que as cerca; sem rota prevista, os fragmentos se chocam uns contra os
outros, se aproximam e se afastam, se unem a outros e partem novamen-
te. a poeira nunca é unidade, sua composição perceptível só é possível pela
coletividade das unidades que a compõem. também me interessa nossa
percepção de contrapeso elementar ao pó. certo dia, ouvi dizer que, nos
estados unidos, 43 milhões de toneladas de poeira flutuam no ar todo ano.
quanto pesa um grão de poeira? meu desejo nesta reflexão é fabular uma
imagem de história em que meu corpo possa estar em relação à existên-
cia do que produzo como arte, sem necessariamente ocupar uma posição
de perspectiva, em que meu corpo e meu trabalho sejam vistos por uma
historicidade monolítica, em que trajetória é sempre uma sequência de
acontecimentos ordenados e capturados.

como é que na ausência de vestígios, de fontes dos fatos historiográficos, se escreve a História? Rapidamente se tem a impressão de que a escrita da história dos negros só pode ser feita com base em fragmentos, mobilizados pra dar conta de uma experiência em si mesmo fragmentada, a de um povo em pontilhado (MBEMBE, 2018, p. 63)

A poeira que empurra o mundo

quando eu era mais velho, uma ebomi me contou sobre os atins.¹ acho que
foi neste momento que percebi ser meu corpo feito de poeira. os iyé pos-
suem uma qualidade de transformação de uma realidade momentânea. o
pó aspergido no ar se dissipar no espaço, roda em suspensão, se prende aos
tecidos, cai dentro nos poros abertos na pele, sedimenta. toda a imagem
do mundo permanece a mesma? quando percebemos que algo realmente
mudou? a mudança pode ser microscópica, mas... e depois? existem partí-

¹ Atim ou ié (iyé, para os iorubás; djassí, para o povo fon): pós confeccionados com vários tipos de favas, folhas e outros elementos; possuem infinitas finalidades, mas são utilizados principalmente para fins litúrgicos e encantamento nos candomblés.



culas de nós por todos os lugares onde passamos e vice-versa. “a história também está registrada nos nossos corpos, enquanto corpo físico oriundo de uma cadeia de outros corpos na natureza”.²

É preciso saber de onde se vem,
para saber onde se vai.
E eu já estava. Já não ia, nem vinha.³

de onde vem a poeira que meu corpo carrega? e se fosse possível que cada partícula suspensa em mim vibrasse memória? como se em mim pesasse o tempo embaçado e turvo dificultando encontrar a silhueta do como estou. é justo que existam muita *cinzas*⁴ em mim, e de relance sou quase fumaça do que há muito pouco tempo era fogo. ao mesmo tempo, deste mesmo calor outras partículas vibram aceleradas e *não são visíveis*,⁵ mas são elas que mantêm tudo ligado em suspensão. inventar uma memória aerada onde eu me encontre em partes deslocadas. nossas/minhas lembranças estão pulverizadas em muitos *orís*,⁶ minha história e meu corpo fazem parte da história e do corpo do outro.⁷ existe uma sensação de

2 Ver capítulo Etnias Bantu na formação do povo brasileiro do hemisfério sul, em Nascimento (2018).

3 Ver capítulo Como começou, em Nascimento (2018).

4 “Decisão do Ministro da Fazenda – Decisão s/n de 14 de dezembro de 1890 – Manda queimar todos os papéis, livros de matrícula e documentos relativos à escravidão, existentes nas repartições do Ministério da Fazenda. Rui Barbosa, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Tribunal do Tesouro Nacional” (LACOMBE, SILVA, BARBOSA, 1988, p. 114).

5 “As máximas macumbísticas não só apontam o corpo, historicamente negado e regulado, como potência de saber, como também deslocam o ser humano, que ao longo da história ocupa lugares de distinção, por ser considerado dotado de racionalidade, para um lugar de rasura e interseção com outras presenças. Estas presenças podem ser não materializáveis, como no caso dos fenômenos de incorporação ou de outras naturezas, como na interação com as plantas, sementes, alimentos e animais que ao serem ofertados vêm a se fundir na vitalidade do ser, deslocando a supremacia de um sobre outro, ressignificando a noção de cadeia e interligação” (SIMAS, RODRIGUES JUNIOR, 2018, p. 58).

6 “E Orí é a palavra mais oculta porque é o homem, sou EU. Porque é o indivíduo, a identidade. A identidade individual, coletiva, política, histórica. Orí é o novo nome da História do Brasil. Orí talvez seja o novo nome do Brasil. Este nome criado por nós, a grande massa de oprimidos, reprimidos. Reprimidos antes, depois oprimidos, torturados. Transgressores” (NASCIMENTO, 2018, p. 343).

7 “O desmembramento dos povos africanos simboliza um trauma colonial, pois trata-se de uma ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os. Metaforicamente, o continente e seus povos foram desarticulados, divididos e fragmentados. É essa história de ruptura que une negras e negros em todo o mundo” (KILOMBA, 2019, p. 207).

*aquilombamento*⁸ sempre que atravesso os lugares e reconheço fragmentos da poeira que existe em mim no outro. e nesse balanço da vida, nos movimentos do tempo, grão a grão, invento outra *genealogia*,⁹ que não me divide, mas, ao contrário, me liga a todos os pontos. a cada sopro das palavras que se leem aqui, movimentam-se fragmentos no ar deste texto que se movem até você... tem poeira por toda parte?

Se move, levanta e expande

Com o tempo, tenho me dedicado a manter a atenção voltada para aspectos formais que acontecem como manifestações no mundo. Por exemplo, como o movimento contínuo dos materiais exerce uma relação de forças e impulsão entre elas; o que percebemos quando uma tempestade se levanta no céu e cobre o sol, não acontecendo por condições isoladas em si, mas por uma gama de fatores implicados¹⁰ nesse fenômeno – o que sentimos

8 “Pessoas negras me cumprimentavam na rua...” (KILOMBA, 2019, p. 205).

9 “a escrita da história assume uma dimensão performativa. A estrutura dessa performance é, sob diversos aspectos, de ordem teológica. O objetivo é, na verdade, escrever uma história que reabra para os descendentes de escravos a possibilidade de voltarem a ser agentes da história propriamente dita” (MBEMBE, 2018, p. 63).

10 Em oposição à ideia de separabilidade epistemológica do mundo, Denise Ferreira da Silva propõe: “E se, em vez de procurar por modelos na física de partículas capazes de produzir análises mais científicas e críticas do social, nos encontrássemos em suas descobertas mais perturbadoras — por exemplo, a não localidade (como princípio epistemológico) e a virtualidade (como descritor ontológico) — como descritores poéticos, isto é, indicadores da impossibilidade de se compreender a existência com as ferramentas do pensamento que sempre reproduzem a separabilidade e seus pilares, a saber, a determinabilidade e a sequencialidade?” (SILVA, 2019 p. 44)

Figura 3
Gilson, Como Erguer Tempestades, 2021,
exposição, foto Luan Batista





no momento do levante torrencial e tempestivo das partículas em alvoroco no ar é como se escutássemos: “estamos mudando”.

E quantas vezes as coisas se levantam à nossa volta? Por que se levantam as coisas? Como acontecem levantes?

Como parte dos elementos e das coisas do mundo, nós também levantamos e produzimos levantes, por inúmeros impulsos e qualidades, por diversas energias de forças que nos moveram a provocar sobressaltos e a transformar o estado da história das coisas no tempo. Como percebemos o movimento de propulsão feito em diversos momentos e o ar em várias direções? E por aqui muito levante ainda está em ascensão.

Esta compreensão de que as direções do mundo são muitas me leva a pensar como Esù, força natural do mundo que provoca o movimento, encarando seu jogo de forças, fora de uma relação qualitativa entre posições do binômio de positivo ou negativo; possibilita uma compreensão de como as coisas se movimentam pelo espaço e as forças ordenadoras da natureza seguem princípios mais complexos e ramificados. Nesse sentido, penso os movimentos de suspensão como prismas sujeitos a novas clivagens, dispostos a se direcionar por novos fatores que implicam suas posições. Erguer é sempre transformar, e estamos todos provocados por levantes que nos arremessam pelo tempo, seguindo propulsões anteriores e agindo com o peso de nossas vidas para provocar novas flutuações. Por esta reflexão, poderia dizer que tenho provocado uma poética suspensa.

Planaltos

Circulam muitas correntes de ar por este país. No centro-oeste brasileiro, junto com as grandes massas de ar quente e seco, em ascensão assim como a força dos ventos, as populações pretas e indígenas se mantiveram em situação de levante desde os primórdios da expansão. O plano colonizador e expansionista em direção ao centro do território foi sempre laborioso. Em contraponto a uma região plana que facilitava a entrada de ocupações, inúmeros contraplanos se sobreponham no jogo de forças e disputas sobre o território.

Não é muito comum que se narrem, sobre a história colonial do planalto central, as constantes disputas, guerras, insurgências e os levantes existentes entre as populações originárias e os africanos e seus descendentes



com a população branca, que, a mando da coroa portuguesa, avançava por essas terras. Fato é que, se girarmos o prisma narrativo desse tempo e escutarmos as histórias pelas orelhas¹¹ daqueles que perderam as suas, ouviremos vozes que nos contarão de uma sociedade branca isolada e quase sempre aterrorizada pela “sombra dos quilombos”¹² e os constantes ataques dos povos nativos.

Quando afirmo a continuidade suspensa dos levantes históricos, quero também ampliar o arco temporal e perceber que os projetos de desmobilização dos avanços coloniais foram, de alguma forma, exitosos às inúmeras manifestações de liberdade e resistência de pessoas que trocaram suas vidas para que outras pudessem manter as suas em outro tempo. Das condições impostas pela colonialidade, a quilombagem era a alternativa, não só pelos agrupamentos comunitários e conformados geograficamente, mas por qualquer movimento de oposição¹³ ao sistema escravista, pois é nesse sentido das relações de força empregadas na disputa pela própria vida que não se pode olhar a quilombagem como vitória ou derrota,¹⁴ pois

11 “D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Goyases em 1751, a passar em pessoa ao dito arraial, e com elle o Dr. ouvidor geral Sebastião José da Cunha Soares, que permitiram que livremente se atacassem aos quilombos, matando-se nelles os negros que se puzessem em resistência, como se practica em Minas Geraes; e ainda assim não cessam os roubos, mortes e insolências; de sorte que, para se evitar um futuro levantamento dos pretos contra os brancos, se empenhou a actividade, ardor, zelo e desembaraço do coronel José Antônio Freire de Andrade (hoje conde de Bobadella), governador da capitania de Minas Geraes, a vencer a Bartolomeu Bueno do Prado, natural de São Paulo, por si e seus avós, para capitão-mor e conquistador de um quase reino de pretos foragidos, que ocupavam a campanha desde o rio das Mortes até o Grande, que se atravessava na estrada de S. Paulo para Goyases. Bartolomeu Bueno desempenhou tanto o conceito que se formava do seu valor e disciplina da guerra contra esta canalha, que se recolheu vitorioso, apresentando 3.900 pares de orelhas dos negros, que destruiu em quilombos, sem mais premio, que a honra de ser ocupado no real serviço, como consta dos accordãos tomados em camara de Villa Rica sobre esta expedição, e o efecto della para total segurança dos moradores daquela grande capitania” (SILVA, 1998, p. 274).

12 “Se a existência de quilombos implica maus-tratos para o escravo, em Goiás constituem um testemunho impressionante, pois não há, praticamente, arraial sem a sombra de quilombos” (PALACIN, 1976, p.16).

13 “Nesse contexto, as alternativas dos escravos resistindo ao escravismo haveriam de ser diversas (dentre outras, a resistência do dia a dia: furtos, roubos, abortos, sabotagens, chamadas resistências provocativas, no âmbito criminal; o trabalho em hora-extra, na mineração; as formas extremas pelo assassinato, suicídio, revoltas, a fuga em canoa ou congêneres, para o Pará e outras regiões; a fuga para os matos onde se organiza em quilombos; a fuga para os matos onde faz roça de subsistência; a fuga para os ofícios urbanos, onde consegue diversas ocupações, etc.” (SILVA, 1998, p. 375).

14 Segue o depoimento do jornalista Jorge Andrade, no livro *De bom escravo a mau cidadão* (MOURA, 1978, p. 80): “Alternativa é a quilombagem, contrapondo-se àquele sistema durante



não se trata de fatores isolados, mas de um acontecimento. Beatriz Nascimento (2018), importante historiadora dos quilombos no Brasil, afirma a importância de compreender o conceito como símbolo e não como ideia geográfica, uma vez que a disputa que se apresenta muitas vezes como território e espaço é sobre o direito à propriedade de sua própria história. É o que se diz em Palmares¹⁵ e em Pilar.¹⁶

A terra é o meu quilombo, meu espaço é o meu quilombo. Onde eu estou, eu estou! Onde eu estou, eu sou! (Transcrição do documentário *Ori*, presente em Nascimento, 2018, p. 337).

Não é comum que se cresça no planalto escutando despretensiosamente as histórias de resistência. Neste texto, a sugestão é sobre o movimento de girar o prisma histórico, de olhar outros personagens. Mesmo lidando com uma documentação narrada a partir da perspectiva da população branca colonial, é possível notar a poeira preta que se acumulou sobre ela ao longo dos tempos. Tenho aprendido o tempo de grão em grão, um fragmento de cada lugar. De cada quilombo: Tapuão; Tengo-Tengo; Ambrósio; Três Barras; Morro do São Gonçalo; Tesouras; Córrego; Vale do Paraná; Calunga; Jaraú; Planalto Central; Pilar; Muquém; Acaba Vida; Corumbá; Mesquita; Meia Ponte; Santa Rita do Araguaia; Cedro. Em ventania, todos eles se produziram de algum modo contra os planos dos projetos coloniais, civilizatórios e de modernidade. Continuam a soprar em nossas orelhas os planos dos pretos de Pilar, que planejaram, na festa do divino, tomar a cidade, numa revolução preta no planalto, em articulação com outros quilombos e pretos da cidade. O levante, porém, foi suspenso:

toda a vigência escravista, não interessando, por isso, a análise fatal da vitória ou derrota desse ou daquele quilombo isoladamente, mas analisar a quilombagem como um continuum de desgaste permanente às forças sociais, culturais, políticas e econômicas da escravidão e dos seus valores.”

15 Palmares foi um quilombo na serra da Barriga, na então capitania de Pernambuco, com cerca de 20 mil habitantes no século XVII.

16 “Quilombo de Pilar, ao norte da comarca do sul, entre os morros do Pendura e do Moleque. Não se sabe quantos escravos negros eram mantidos nesse quilombo, sabendo-se, todavia, que não eram poucos, possivelmente uns 230. Foi um dos quilombos que mais causou aborrecimentos aos representantes do rei. Indignados, pretendiam matar todos os brancos, sendo por isso, possivelmente, o único quilombo “de Goiás” a ser “notado” pela historiografia regional e nacional. (SILVA, 1998, p. 301).

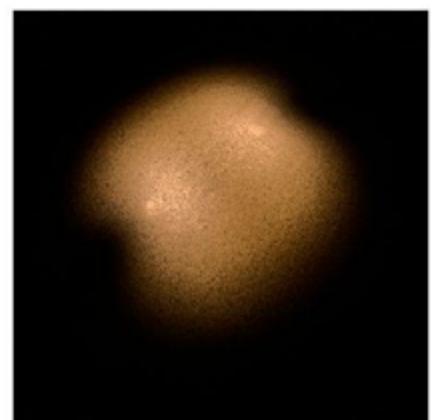




Figura 4 (p. anterior)
Gilson, O Embaçado,
2020, instalação, foto
do autor

Levante¹⁷

depois de ter recebido outra garrafa de aguardente, tira os seus objetos de magia de sua bolsa de cor cinza, ajoelha-se diante deles, borrifa-os com a aguardente que tinha na boca e reza (SPIEHT (1906) apud NASCIMENTO (2018)

nessa noite buscaram a última leva de coisas no povoado. sophia e manoel¹⁸ saíram em silêncio após a reza. a travessia desta vez precisa ser mais rápida. nas terras ainda não tinha triero batido, o mato lhes cobria a cabeça, mas não encontravam dificuldade em serpentejar pela vegetação retorcida e pela folhagem felpuda. por segurança, caminhavam afastados; para não se perderem, uma hora ou outra, assobiavam, de forma longa e repicada, produziam um som que penetrava no fundo dos ouvidos, assim se mantinham atentos um ao outro e também mantinham a atenção daqueles que são chamados pelo sopro.¹⁹ o canto se confundia com o dos demais: sapos, pássaros, besouros. a noite era densa, de lua nova, e fazia refletir o brilho doce e opaco da cachaça que já secara sobre a cara dos dois, atraindo pequenos mosquitos que os acompanhavam durante as muitas horas de caminhada noite adentro. os pés já se guiavam quase que sozinhos pelo chão. já faziam essa andança desde 1751²⁰ e já se tinham passado quatro anos desde o início da primeira correria para o levante, que agora está bem perto de acontecer.

desta vez chegaram pela margem esquerda do rio vermelho e caminharam até uma das costas da cidade. sophia seguiu até a casa dos pina para encontrar leonarda²¹ e pegar as encomendas que tinham acertado semanas atrás.

17 Essa narrativa ficcionaliza acontecimentos da “conspiração dos negros de Pilar”, sobre a qual sabemos em registro oficial apenas que o plano do levante teria sido descoberto e combatido entre 1751 e 1755, durante a festa de Pentecostes.

18 Referência ao caso de crime cometido pelos escravos Sophia e Manoel Crioulo, “ocorrido em Goiás em 22 de dezembro de 1837. Ofício n. 52 de junho de 1838 – Processo de condenação de Sophia e Manoel Crioulo, ANRJ – pacto 748” (SILVA, 1998, p. 45).

19 Referência a Exu e Ossain, entidades que são convocadas por assobios.

20 “Conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha, governador e capitão-general da capitania de Goyases em 1751, a passar em pessoa ao dito arraial, e com elle o Dr. ouvidor geral Sebastião José da Cunha Soares, que permitiram que livremente se atacassem aos quilombos, matando-se nelles os negros que se puzessem em resistência, como se pratica em Minas Geraes; e ainda assim não cessam os roubos, mortes e insolências; de sorte que, para se evitar um futuro levantamento dos pretos contra os brancos” (SILVA, 1998, p. 33).

21 “Em 8 de julho de 1841, a pena de morte foi executada a ré escravizada Leonarda, presa na cadeia de Bonfim, atual cidade de Silvânia – GO, execução e aplicação de pena com as quais gastou-se 3.320, com o sustento de carcereiro, aquisição de corda de barbante, algumas mantas de carne e



manuel seguiu pela direção da igreja das mercês, pois era quase certo de ter ali pelos fundos alguns pacotes de pólvora, além de ser mais seguro andar pela calunga²² do que pelos calçamentos. ao chegar à igreja, abriu facilmente a porta. manuel era muito habilidoso em abrir trancas, pois havia ganhado certa vez duas pontas de ferro de seu amigo belizário.²³ ele as carregava por onde ia e nunca as perdia, pois estavam ligadas por uma tira de couro que usava para pendurar as duas partes pela cintura. com a porta aberta, manuel pegou, além da pólvora, oito varas de parafina e uma tira de pano azul. ao sair, ele percebeu que o mastro do divino já estava de pé, e antes de encontrar sophia, resolveu deixar um recado.

do outro lado, sophia lançava pequenos grãos de laterita na janela da cozinha. a quina da janela se abriu em total silêncio. da escura fresta, apontou uma orelha redonda e pequena que logo desapareceu para dentro da casa. logo logo a orelha apareceu mais uma vez, só que agora pela porta. junto com a orelha, agora a voz anasalada de leonarda sussurrava:

– tem muito olho aberto por aqui hoje, é melhor voltar com os olhos fechados.

junto da orelha, apareceu uma mão que segurava um embrulho vermelho; já com os olhos fechados e os ouvidos abertos, sophia segurou o pacote, que pela textura devia ter coisa dura e coisa mole, e o guardou dentro da roupa, perto da barriga; depois, escutou o barulho do vento e seguiu. como conhecia de cor os caminhos, seus pés não tiveram dificuldades de se guiar. já na cabeça de pilar, ficou aguardando os assobios de manuel para seguirem separadamente juntos (...)

– escuta ao longe o som de madeira estalando e de uma longa vara batendo contra o solo, seguido de um forte assobio repicado.²⁴

mais garrafas de azeite" (SILVA, 1998, p.4).

22 Nome dado à terra e às entidades banto ligadas à morte; também é o nome de várias comunidades quilombolas da região de Cavalcante (GO), na Chapada dos Veadeiros, que vivem nessas terras há mais de 200 anos.

23 Referência aos açoitados. Em geral, o escravo era mutilado ao ser condenado a andar preso por instrumentos de castigo, usualmente de ferro, evidenciando a violência "paralela". O escravo Belizário, pertencente ao alferes Antônio Eloy Cassimiro de Araújo, além de castigado por atraso no serviço com duas violentas "ciposadas" e condenado a 800 açoites por homicídio, foi condenado "a carregar por 2 anos um ferro no pescoço, de duas libras de peso" (SILVA, 1998, p.12).

24 "em Pilar e como faziam em outras partes da Colônia, aproveitavam-se até da festa religiosa na



o silêncio ocupa tudo novamente e, em pouco tempo, sophia escuta o som agudo soprando no ar bem perto dela. respirando bem fundo e soprando a resposta no vento, levanta e segue o som. só muito muito ao longe, quando sente o cheiro do orvalho impregnar as narinas, é que abre os olhos. o nevoeiro...²⁵ apesar do tempo seco, a madrugada despejava um orvalho fino sobre suas cabeças e as finas bolhas de umidade que se concentravam sobre a vegetação estouraram e molhavam a pele luminosa dos dois. à medida que deslizavam, seus braços e pernas absorviam a água que escorria lentamente gota a gota pelas pontas dos seus dedos. já quase na alvorada do dia, a neblina densa e baixa envolvia-os quase que por completo, por isso chegaram embaçados no abrigo junto dos outros.

estavam todos ainda de pé e se moviam com uma leve euforia, pois não esperavam que chegariam antes de acontecer. os dois entraram e se aproximaram devagar do estaleiro que servia de cama. sophia retirou o pacote encarnado da barriga, colocou-o no chão e abriu o embrulho. nele havia chumbo²⁶ envolvido em levante.²⁷ separou cuidadosamente os dois, juntou todas as folhas e entregou o levante. enrolou novamente no mesmo tecido o chumbo e guardou-o consigo. estavam todos de pé com os ouvidos abertos deixando o choro que se tornava grito entrar. também se escutava a água sendo derramada de um pote para uma cuia que, em seguida, recebia os galhos quebrados do eré tuntum. “do extrato de folhas, ela [a parteira] toma um pouco na boca e borrifa-o sobre o recém-nascido, de tal modo que cai sobre ele como uma chuva fina de poeira”.²⁸

articulação contra o impiedoso sistema escravista da Colônia. Por isso, adquiriam pólvora e chumbo; aliamavam-se os de setor rural aos de setor urbano; assaltavam de dia e de noite; derrubavam mastros, aumentando a “síndrome do medo” nas autoridades” (SILVA, 1998, p. 294).

25 “O termo ‘nevoeiro’ evoca uma ideia de frescor, portanto de bem-estar. O nevoeiro é considerado sobretudo um refúgio seguro, onde a doença, a felicidade e a morte procurarão a sua vítima” (MAUPOIL, 2020, p. 367).

26 “1.755 quilombos conspiraram com escravos uma revolta na vila a ter lugar por ocasião da festa do Divino”, acrescentando que “os conspiradores haviam conseguido pólvora e chumbo e planejavam um ataque à igreja local”, o que só não ocorreu porque as autoridades foram avisadas, suspendo a festa e, evidentemente, o “levante”, fato que acreditamos ser o mesmo ocorrido no Pilar” (SALLES, 1992, p. 231-234).

27 Levante, Eré tuntum ou *Mentha viridis*, muito utilizadas pela medicina popular em casos em que a pessoa precisa “levantar-se” espiritual ou “fisicamente”, por exemplo, no caso de mulheres após o parto.

28 Spieht (1906) apud Silva (1998).



Referências

- ANGELOU, Maya. Ainda assim eu me levanto. In: *Poesia completa*. Trad. Lubi Prates. Bauru: Astral Cultural, 2020.
- FERREIRA DA SILVA, D. A Dívida Impagável. São Paulo: Forma Certa, 2019. Disponível em: <https://casadopovo.org.br/wp-content/uploads/2020/01/a-divida-impagavel.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2021.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo quotidiano*. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.
- LACOMBE, Américo Jacobina; SILVA, Eduardo; BARBOSA, Francisco de Assis. Rui Barbosa e a queima dos arquivos. Brasília/Rio de Janeiro: Ministério da Justiça/Casa de Rui Barbosa, 1988. Disponível em: <http://www.casarui-barbosa.gov.br/arquivos/file/rui%20barbosa%20e%20a%20queima%20dos%20arquivos%20OCR.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.
- MAUPOIL, Bernard. *A adivinhação na antiga Costa dos Escravos*. São Paulo: Edusp, 2020.
- MBEMBE, Achille. O sujeito racial. In: *Crítica da razão negra*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.
- MOURA, Clóvis. *O negro: de bom escravo a mau cidadão*. Rio de Janeiro: Conquista, 1978.
- NASCIMENTO, Beatriz. *Beatriz do Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades em dias de destruição*. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.
- PALACIN, Luís. *Goiás 1722-1822: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. 2. ed. Goiânia: Oriente, 1976.
- SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Economia e escravidão na capitania de Goiás*. Goiânia: Cegraf/UFG, 1992.
- SILVA, Martiniano José. *Quilombos do Brasil central: séculos XVIII e XIX (1719-1888). Introdução ao estudo da escravidão*. Dissertação (Mestrado em história). Instituto de Ciências e Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1998. (Orientadora: Gilka Vasconcelos Ferreira de Salles). Dispo-



nível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/SILVA__Martiniano_Jos_da-1998.pdf. Acesso em: 25 maio 2021.

SIMAS, Luiz Antônio; RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

